

AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO

MUNICIPIO DE BARCELLO

BIBLIOTECA

COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga — Antonio Fogaca — Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vasques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sebastião Pereira da Cunha—Silvestre Falcão—Joaquim Alves da Silva—Dr. Antonio Julio de Miranda—Dr. José Maria de Figueiredo, etc, etc.

SUMMARIO

Chronica por Pirolito. *A Cama* por Pereira Caldas. *Histórias* por Gil. *As Pombas* por A. Rigaud Nogueira. *Os tubarões d'Aden* por F. C. Vasques. *Castigos* por Nuno Rangel. *Croquis* por Gil. *Secção bibliographica* por Aureliano Cirne. (Sciencias) *Questões elementares de Economia politica* por Armelim Junior. *Em Familia* (Passatempos) *Secção de cadrez* por J. C. V. *Publicações. Expediente.*

CHRONICA

Ainda d'esta vez me salvei: Entre esta sensaboria semanal, entre esta pasmacéira constante não lobrigava coisa nenhuma que me desse assumpto para esta chronica. Nem um escandalo!

Já não digo um escandalo de indignar estes bons velhos de por aqui, a tornal-os apopleticos, a dar margem a umas considerações e ditos um tanto picantes com que se costumam receber os escandalos monumentaes.

Não queria tanto, Deus me livre, mas um escandalosinho ainda que bem pequeno não o receberia mal; pelo contrario sentir-me-hia bastante contente porque fazia com que eu me demorasse um pouco sobre o caso e portanto alguma coisa dissessê relativamente a esta boa terra do Minho.

Mas tambem se tal se desse não queria que fosse já do dominio publico porque queria fazer uma surpresa ás amaveis leitoras, juntar alguma coisa de casa e impingir gato por lebre; fazer d'uma coisa que não valesse cinco reis uma outra que fizesse pensar os velhotes e os obrigasse a exclamar:

Sim, senhor, o Pirolito anda em dia com estas coisas e... bem informado.

Por isto ficam as leitoras já sabendo que o seu Pirolito de momentos a momentos tem vontade de ser *um má lingua*...

Mas deixem-me contar o modo como me livre dos apuros em que estava ao *fazer d'esta*...

E' o caso que...

*

Recebemos o Academico, revista quinzenal que se publica no Porto.

Trazia no numero dois d'este anno um artigo sob a epigraphe de *revoltante* do snr. H. Salgado em que este cavalheiro conta um caso ultimamente passado no reino visinho a que faz uns commentarios muito sensatos e que passo a transcrever:

«Uma menina foi vendida *por suas irmãs* a uma companhia de saltimbancos, *por escriptura feita ante o alcaide* de Fuertes de Béjar. A menina, então cumprida esta formalidade, foi levada pelos saltimbancos a diferentes pontos e bastante maltratada por se não querer prestar, sem duvida como elles quizeram, ás exigencias do seu duro officio. Por fim ao chegar a Saldaña, na provincia de Leon, os saltimbancos abandonaram-n'a, sendo conduzida pela guarda civil até ao seu povo natal de Fuentes de Bejar.»

Parece impossivel que no seculo XIX, no chamado *seculo das luzes*, ainda se consinta, n'um reino que se diz civilisado, factos tão repugnantes e demais sancionados pela *authoridade*.

Aqui fica narrado o factio, sem commentarios porque não precisa d'elles.

Barcellos, 5—2—87.

Pirolito.

HISTORIETAS

Accendi um charuto e tomei a horizontal na *chaise-longue* do meu antigo condiscipulo.

Adriano estava fallador, animado, massador; bebera como nos nossos velhos tempos de rapazes estroinas e o vinho tornara-o assim: um algarvio incansavel, um impagavel deputado da opposição.

—Ouve, dizia-me elle a rir, lá vai mais uma historia e prometto-te que d'esta vez será a ultima.

Espreguei-me resignado, e elle principiou:

*

«Ella era morena e meiga; via-a todos os dias á janella, alegre, viva, risonha.

Captivaram-me aquelles olhos tão pretos como gaiatos. Offereci-lhe uma carta; sorriu-me e encolheu os hombros n'um ar desdenhoso, cheio de encantos.

«No dia seguinte, quando abria a janella, viu, surprehendida, pousado no peitoril um vaso de rainunculos vermelhos que eu posera alli, apesar do protesto das minhas costellas, pouco confiadas nos meus conhecimentos de gymnastica.

«Olhou, viu-me e sorriu.

«D'esta vez disse-me que sim, e á noute lá estava eu debaixo da janella a fitar ansioso o peitoril.

«Ninguem.

«Começava a impacientar-me, quando surgiu um vulto.

«Era de certo ella.

«Atiro-lhe com a carta. A tentativa falha e o envelope veio cahir junto de mim.

«Baixava-me a apanhal-o quando aos meus pés so fez em pedaços o vaso que na vespera offerecera á minha Dulcinea—aquelle rico vaso que me custara os olhos da cara: sete ricos tostões da minha alma!

«—Patife! rosnava o velho do pai lá de cima; espera, biltre!

«E atraz do vaso veio o caixão dos craveiros, a cassarola da salsa, o jardim inteiro.

«Fugi espavorido ante aquelle desabamento de cacos ameaçadores.

«Tres mezes depois estava vingado...»

—Vingado, exclamei. Conseguieste?...

«Consegui, continuou elle: casei-me! Terminaste?

—Não. Ia-me esquecendo diser-te que minha mulher tira a desforra...

—A desforra! Deshonra-te?!...

—Não, parvo. Deu-me tres filhos que berram como demonios e rouba-me no fim do mez o ordenado da algibeira!

*

Tinha-se apagado o charuto e ia adormecendo quando Adriano contava nova historia que promettia ser a *ultima*.

Regoa.

Gil.

AS POMBAS

(N'um album)

Havia um ninho preso no arvoredor entre as folhas do bosque viridente Era um casal de pombas que em segredo suspiravam d'amor continuamente

Ouvia-as chilrear a cada instante N'um alegre convivio descuidado, até que um dia um caçador distante matara a pomba do par idolatrado.

Tremendo de pesar o pombo então, não podendo conter no coração da sua companheira a atroz saudade,

Abrija as tenras azas pequenitas e lá fôra, n'um bando de avesitas, triste, amaldiçoando a humanidade!

A. Rigaud Nogueira.

OS TUBARÕES D'ADEN

(PIERRE MAEL)

(Continuado do n.º 9)

Minutos depois, as palhetas haviam-se multiplicado, mas agora era-nos impossivel reconhecer a causa. Os tubarões, attrahidos pelo barulho dos imprudentes nadadores, acabavam de se mostrar bruscamente. E estes eram da peor especie, eram *squales-marteaux*—a cabeça quasi que quadrada e horrenda, o dorso d'um azul escuro, o ventre e as barbatanas alvissimas. Nada mais feio do que o aspecto d'estes monstros. Andam aos bandos brincando pelas ondas com evoluções inverosimilis dos seus peitos duros.

Não quero fazer conhecer ao leitor os costumes do terrivel peixe porque certamente já os sabe. Dir-lhe-hei, no entanto, que o tubarão é obrigado a voltar-se inteiramente para agarrar a sua preza por causa da conformação das suas mandibulas. No *marteau*, a enorme protuberança quadrangular que lhe fecha o focinho torna-lhe o ataque mais difficil ainda. E' contrangido tambem de ferir obliquamente o objecto que quer agarrar, alevantal-o de qualquer maneira, para ó encafuar na sua guela disformemente rasgada.

Apenas os primeiros surgiram avisamos logo os Arabes. O maior numero dos pescadores treparam lestamente para as embarcações e foi então que nós os vimos manejar os remos com uma velocidade que os fez perder de vista em alguns minutos. Uma dezena d'entre elles, todavia,—ou por bazofia ou por bravura—retardaram-se.

Baldadamente os avisavamos da aproximação dos

seus terríveis vizinhos; fixavam-nos com o riso nos lábios mortrando-nos, á luz crua e clara do poente, os seus dentes da mais alva neve.

Mas, quando as primeiras barbatanas roçaram pela roda da prôa da fragata, os nossos mergulhadores entraram para as suas canoas.

Os *pangaios* bateram na agua e a retirada dos retardatarios começou a effectuar-se em boa ordem.

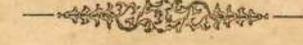
O ultimo d'elles, um soberbo éphebo de dezoito e vinte annos, um Somáli transformado em athleta,inha-se deixado distanciar dos outros. Affastava-se com pezar, tendo agarrado quasi uma fortuna pois que havia mergulhado umas doze vezes. Remava lentamente voltando a cabeça de onda em onda para nos lirigir longos olhares e prolongados sorrisos o *salamo* le agradecimento.

—Aquelle moreninho tem um barco de primeira classe—disse então um nos nossos gageiros.—E' pena que eu lhe não tenha dado nada.

E, sacando d'uma bolsa tirou d'ella uma moeda de prata no valor de quatro anas.

(Conclue)

F. C. Vasques.



CASTIGOS

Andar! Andar! não ter descanso um só momento!
Este castigo faz-me estremecer de horror!
Como Ashaverus soffro um tão cruel tormento
Porque procuro, sempre, o meu fugido amor.

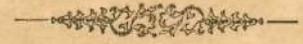
Eu já subi ao ceo n'uma illusão sagrada,
—Illusão que me deu celeste e doce encanto!—
Sou Icaro de amor, ó pomba minha amada!
Porque tombei no mar immenso do meu pranto.

Em pensamentos vejo a sua imagem linda,
De noite ella me surge em sonho bem querido;
Como Phenix serei porque hei de ver ainda
Essa gentil mulher que vejo no sentido.

E vou perdendo a minha alegre mocidade
Sem ver surgir a luz que tanto me fascina!
Como Tantalosinto uma fatal vontade:
Beber-lhe todo o amor que a cerca e me domina.

Porto.

Nuno Rangel.



CROQUIS

(A. Camillo Guedes C. Branco)

As andorinhas volitam
em redor dos pobres ninhos,
emquanto os filhos pipitam
esperando, coitadinhos,

o banquete de mígalhas
que as boas mães carinhosas
foram roubar pressurosas,
como roubaram as palhas

com que estofaram o leito
dos seus filhinhos pequenos.
Em frente, graves, serenos,

cobiçam a petisqueira
dous gatos, no parapeito
do jardim da brasileira.

Regoa.

Gil.



SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Rimas commemorativas da inauguração do theatro d'Arcos de Val de Vez, por Manoel Vaz.

Porto, typ. occidental.—1887.

E' um opusculo de dezeseis paginas, contendo duas bellas poesias, *o theatro e um cantico*, reveladoras de um poeta novo, cheio de talento, de incertezas e de vacilações. Evola-se d'aquellas quadras um optimismo philosophico; sem base positiva, sem observação. O theatro não é *uma escola*, não é *a lida continuada*

a fadiga sem fim, o esforço, o labutar
o theatro não descreve

de toda a vida humana as várias gradações.

não é *a egualdade, o direito, a paz, as benções do trabalho, o prélio do talento*. O snr. Vaz affirmou de mais e observou de menos.

Contemporaneamente, o theatro é simplesmente uma decadencia. Não queremos referir-nos só ao theatro portuguez; o que se observa entre nós é apenas um reflexo fugidio do theatro francez e italiano, o que quer dizer que lá por fóra a decadencia ainda se accentua mais poderosamente.

O theatro italiano, apesar do seu character cosmopolita e universal, pôde salvar-o a musica.

E' realmente desolador o exame critico dos *libretos*, que para ahi vemos cantar nos nossos theatros; ás vezes a desconexão é de tal ordem, que, se por acaso o publico percebesse o entrecho das operas, não estaria uma hora na plateia. O que vale é que a maioria gosta de ouvir, e mais nada; emociona-se com a melodia e dá-se por satisfeita.

No theatro dramatico vemos ás vezes producções de um mau sestro notavel; nem verdade, nem belleza.

A maioria vac lá para divertir-se e o que quer é que a façam rir com meia duzia de chufas obscenas. Aplaudes os exageros, e chora com os desenlaces emotivos, postos em relevo á força de imerosimilhaça.

E' isto o que todos os dias temos observado; não extranhe, pois, o snr. Vaz que chamemos ao theatro uma decadencia.

Por isso lhe dissemos que observou de menos.

Todavia, se a observação fria e impassível nos desilude, a nossa aspiração leva-nos muito longe.

O theatro deveria ser uma escola, deveria ser o espelho moralmente repugnante da nossa sociedade, deveria ser, n'uma palavra, uma coisa verdadeira, onde se aprendesse, como n'um livro bom, onde se não apellasse para a justiça de Deus, pois que Deus nunca apellou para a justiça dos homens.

Entre nós o theatro deveria ser uma escola liberal, educadora severa dos sentimentos que mais definem o character do homem moderno.

A feição historica no theatro tem o mesmo papel social que os centenarios: levantar o espirito nacional reproduzindo as glorias do passado.

Ainda assim, n'uma tão larga culminação, o theatro não esboçaria a humanidade, as multiplas feições porque tem passado este universo no incessante conflicto das paixões. E' invadir a sociologia, e aniquilar a historia. O theatro é essencialmente uma manifestação da arte, prende-se no detalhe e descursa quasi sempre a synthese.

Por isso dissemos no principio que o snr. Vaz tinha affirmado de mais.

Pelo lado estetico, os versos estão bem trabalhados, mas pouco massivos, ás vezes mesmo pouco harmonicos. Revelam ainda assim uma bella orientação artistica e, sobretudo, uma grande sinceridade. O alexandrino solto é inadmissivel e o auctor não rima o primeiro e o terceiro de cada quadra, o que prejudica muito a harmonia do conjuncto.

A segunda poesia, *Cantico*, é um bello trecho lirico bem sentido e bem metrificado. A's vezes a simplicidade rasteja pela vulgaridade, o que revela no auctor pouca leitura dos nossos poetas bons.

Creia o snr. Manuel Vaz que as nossas palavras significam apenas a alta consideração em que temos o seu talento, e não veja n'ellas senão um incitamento sincero, que despreocupadamente aqui deixamos. Não sabemos dizer senão a verdade.

Venturas e Aventuras carteira de um poeta, por Albano Coelho. Braga, typ. Lusitana, 1886.

E' um romanceto anodyno, sem escola e sem arte, cheio de inverosimilhança e de incertezas. O auctor não deveria ter publicado o presente volume sem o rever cuidadosamente.

O primeiro quadro, *O poeta*, é falsissimo. Se o snr. Albano Coelho observasse algum poeta, seu conhecido, com intuito de fazer d'elle um personagem do seu romance—porque os personagens estudam-se no natural, e não se imaginam no gabinete—haveria de encontrar differenças radicaes. E' necessario ser-se um bom observador e só depois se começa a ser romancista, no verdadeiro sentido da palavra.

Ainda assim o presente livro revela-nos muito trabalho e talvez muitos sacrificios, o que de certo nos torna sympathico o seu auctor. Não se fie o snr.

A. Coelho nas apreciações de certa imprensa; o artigo do *Eco do Lima*, transcripto no prologo, é uma serie de tolices. A nossa imprensa não lê os livros dos principiantes; recebe-os e diz d'elles para ahi umas coisas louvaminhas, que só podem envaidecer os mediocres. Não temos o snr. Coelho n'esta conta, porisso lhe pedimos que estude sempre e muito. A opinião do maior numero nunca é a melhor.

Acompanha as *venturas e aventuras* um bello retrato do author. Custa apenas 500 reis.

Porto.

Aureliano Cirne.

SCIENCIAS

Questões elementares de Economia Politica

II

A terceira e ultima illação que, no precedente artigo, tirei da classificação que expuz, foi a seguinte: «A terra é um instrumento, e portanto um capital de produção.»

Effectivamente; na palavra *terra*, considerada economicamente, ha que attender a tres elementos, a saber:

1.º O *solo*, o terreno no estado primitivo, antes de todo e qualquer trabalho do homem, constituindo emfim uma verdadeira materia prima, ainda não apropriada nem trabalhada, exactamente como o mineiro no seio da terra.

2.º *Qualidades adquiridas*, isto é, as qualidades que o solo adquiriu pelo trabalho do homem, e cujo conjuncto Paulo Cauwès designa pela expressão—*qualité foncière*, definindo-a: «o resultado de todo o trabalho que deu á terra uma utilidade especial.» Exemplos: o arroteamento, as lavras profundas, os correctivos, as drenagens, as irrigações, estrumações, adubações, etc., e o *assento*, que Cauwès define: «a situação de um immovel, considerado altinente ás vantagens ou inconvenientes economicos.» Exemplos: a proximidade ou afastamento dos povoados, dos portos maritimos ou fluviaes, das estradas publicas, ou dos caminhos de ferro, dos bons mercados, etc.

3.º As riquezas que, não constituindo a natureza intima do solo, embora lhe augmentem o valor, podem ser separadas d'elle, podem ser eliminadas, sem o modificar intimamente. Exemplos: as culturas; as construcções, como casas, muros, noras, azenhas, etc.

A maior parte dos economistas francezes, perfilhando as ideias de Ricardo sobre este ponto, só consideram capital, este terceiro elemento, isto é, as cousas que podem desaparecer do solo sem que este seja modificado.

Para elles, os outros dois elementos—o *solo* e as *qualidades adquiridas*—são agentes naturaes.

Para Carey, Cauwès, e outros, as *qualidades adquiridas* são também capitaes, e com sobrada razão, porque estas são resultado da actividade do homem, productos do seu trabalho intelligente, illustrado, scientifico, e portanto são verdadeiras *riquezas*, e, sendo *meios* para a produção agricola, são *instrumentos* que constituem verdadeiros capitaes de produção.

Considero também o primeiro elemento, o *solo*, um verdadeiro instrumento de produção, quando *utilizado* pelo homem, quando este lhe applica o seu trabalho.

De duas, uma: ou o homem não se utiliza do solo, e então este fica inutil, por inexplorado, como muitas mineiras do globo; ou se utiliza, ainda que não seja senão pela simples apropriação, pela colheita de fructos, e n'este caso temos um trabalho, posto que o mais rudimentar, temos portanto *riqueza*, que tanto póde ser *capital*, instrumento de produção, como *fundo de consumo*. Se o homem quizer ir mais longe na sua exploração, se quizer aproveitar a fertilidade natural do solo, a força productiva d'elle, ainda tem que applicar o seu trabalho, exercer a sua actividade, servindo-se do solo como *meio*, isto é, como *instrumento*, como *capital de produção*.

Conclue-se, pois, de tudo que levo dito, que a *terra* é um capital, um instrumento de produção. São, portanto, synonymas as expressões: *capital immobiliar*; *capital territorial*; *terra*.

Note-se que isto não é uma mera questão de palavras, não é uma d'essas *logomachias* tão energicamente verberadas, e com justissima razão, por Buffon. E' uma questão importante, gravissima mesmo, porque implica, nada mais e nada menos, de que a magna questão da legitimidade da propriedade territorial.

Se a terra é um *agente natural*, e portanto gratuito, todos os homens, pelo facto de serem homens, pelo mero facto de existirem, teem direito a uma parte d'ella. Teremos então *um communismo*, que é a mais injusta das desigualdades, e veremos arvorado em principio a celebre formula de repartição, que é a consolação de todos os malandros—«a cada um segundo as suas necessidades.»

Se, porem, a terra é, como realmente é, um capital, constituído pelo trabalho do homem, e portanto elemento oneroso, tem o agente d'esse trabalho legitimo direito de propriedade sobre a parte que laborou, ou directamente com os seus braços, ou indirectamente com a sua intelligencia.

Teremos então a mais justa das desigualdades; a que promana da actividade laboriosa e intelligente de uns, e da inercia descuidosa e imprevidente de outros; e veremos triumphar a formula superior da mais equitativa repartição, e que é nobre incentivo para os homens honestos e trabalhadores—«a cada um segundo as suas obras.»

Armélím Junior.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

Trinca Tudo—Porto—Não tem que agradecer. O acolhimento que lhe fiz, faço-o a todos que se apresentarem nas mesmas condições.

A ultima charada eletrica do numero passado do Ex.^{mo} Snr. A. Coelho saiu errada, deve ler-se—A's direitas mulher—3. A's avessas planta—2. *Iria e airi*.

CHARADAS

Novissimas

No mar toca esta ave—2—2.

Barcellos.

A. Coelho.

Electricas

A's direitas rio, ás avessas mulher—2.

A's direitas animal, ás avessas cidade—3.

Barcellos.

Etelvino Magro.

A's direitas pedra preciosa, ás avessas peixe—2.

Barcellos.

A. Coelho.

Telegraphicas

A's direitas e ás avessas alimento—2.

Barcellos.

Hermenigildo Nobre.

A's direitas e ás avessas altar—2

Porto.

Philo.

A's direitas e ás avessas nas casas—2

Porto.

Trinca Tudo.

Em mappa

2	2	E' mulher
2	2	E medida
E' medida	E mulher	

Barcellos.

Hermenigildo Nobre.

2	2	Em casa
2	2	No hospital
No hospital	Em casa	

Barcellos.

Etelvino Magro.

LOGOGRIFOS

(Ao ex.^{mo} snr. Etelvino Magro)

- 3, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10 Mulher 5, 1, 12, 11, 6, 7, 6, 10
 - 11, 3, 12, 9, 10, 7, 10 Mulher 10, 7, 2, 13, 7, 6, 10
 - 10, 9, 3, 4, 6, 10 Mulher 11, 4, 8, 12, 6, 10
 - 3, 4, 5, 6, 12, 10 Mulher 1, 9, 6, 4, 6, 10
 - 6, 12, 3, 7, 1 Mulher 9, 10, 12, 6, 10
- Nome de homem

Barcellos.

A. Coelho.

(Ao ex.^{mo} snr. Rei Chiquito)

- Foi papa 13, 9, 18, 7, 11, 5, 10, 12
 - Foi papa 1, 6, 9, 4, 10, 12
 - Foi papa 1, 10, 1, 10, 16, 16, 10, 8
 - Foi papa 15, 17, 5, 10, 2, 16, 8
 - Foi papa 14, 12, 3, 15, 16, 11
- Foi papa

Barcellos.

Etelvino Magro.

PROBLEMA

Um projectil é lançado horisontalmente com uma velocidade de 200 metros por segundo. 5 segundos depois da partida ouve-se o ruido produzido pelo choque do projectil contra um obstaculo. A temperatura é 0.º Pergunta-se a que distancia do observador está collocado o obstaculo?

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas—Gabarola, Minos, Satyro, Onega, serpão.

Das telegraphicas—Aidia, odo.

Das electricas—Aza, opas, sargos.

Das charadas em quadro—

l o j a
o l o r
J o ã o
a r o s

Lis bo a
bo li na
a na co

Da charada em mappa—

ca bo
bo ca

Do enygma—Dezembro.

Do problema—O peso do hydrogenio necessario para encher o balão é de 3,^{kg}351 e faz equilibrio a um peso de 27,^{kg}646.

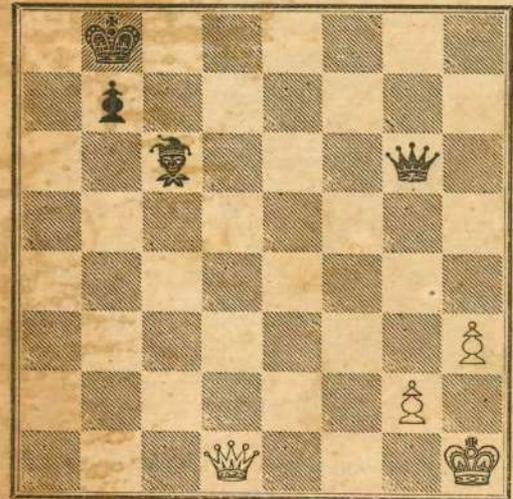
SECÇÃO DE XADREZ

VOCABULARIO D'ALGUMAS PALAVRAS TECHNICAS

(Continuação)

4.º *Cheque perpetuo.* Tem logar quando se pode atacar o Rei adversario por cheques continuos.—Ex.:

Negras



Branças

CHEQUE PERPETUO

Branças

Negras

- 1. D 8 D cheq.
- 2. D. 5 T D cheq.
- 3. D 8 D cheque e assim successivamente.

5.º *Cheque a descoberto.* Dá-se quando o Rei fica em cheque, retirando-se a peça que o cobria.

Na solução do problema n.º 1 terão occasião de observar estes cheques descobertos.

6.º *Cheque duplo.* Tem logar quando duas peças dão cheque ao Rei ao mesmo tempo o que só se pode effectuar por um cheque a descoberto. Na mesma solução terão occasião de o observar.

